

## A FELICIDADE E LIBERTAÇÃO SEXUAL DA MULHER

### WOMEN'S SEXUAL HAPPINESS AND LIBERATION

LARENAS, H. F.<sup>1</sup>, MACHADO, J.S.<sup>1</sup>

<sup>1</sup> Faculdade Estácio de Carapicuíba – ESTÁCIO DE CARAPICUÍBA - SP  
henriquelarenasfaria@gmail.com

#### Resumo

Este trabalho propôs realizar uma análise com abordagem teórica e histórica do desenvolvimento sexual feminino através de estudos já existentes sobre a sexualidade da mulher no Brasil e no mundo, e a forma de identidade sobre sua própria sexualidade e felicidade social em relação ao seu bem-estar sexual. Também se apresenta a importância da análise da pesquisa sobre a violência contra a mulher, a liberdade da sexualidade da mulher e a visão sobre esta sexualidade na terceira idade. A pesquisa em questão, apresenta tais estudos como ferramenta para uma apropriação maior quanto ao conhecimento histórico já estruturado sobre o tema, desenvolvendo um novo olhar sobre a perspectiva do efeito hormonal em relação à felicidade individual da mulher e sua relação com a definição da liberdade sexual em meio à sociedade e as conquistas realizadas ao longo dos últimos anos.

**Palavras-Chave:** felicidade; sexualidade; sexualidade feminina; libertação sexual.

#### Abstract

*This work proposed to carry out a theoretical and historical analysis of female sexual development through existing studies on women's sexuality in Brazil and the world, and the shape of identity regarding their own sexuality and social happiness in relation to their sexual well-being. It also presents the importance of analyzing research on violence against women, the freedom of women's sexuality and the view on this sexuality in old age. The research in question presents such studies as a tool for a greater appropriation of the historical knowledge already structured on the subject, developing a new look on the perspective of hormonal effects in relation to women's individual happiness and its relationship with the definition of sexual freedom among society and the achievements made over the past few years.*

**Keywords:** happiness; sexuality; female sexuality; sexual liberation.

#### Introdução

O movimento feminista, de maneira geral vem alcançando um progresso notável, porém, por vezes, comedido pela própria sociedade (SOUZA & BALDWIN, 2000). Neste sentido, a cada força que move a evolução do reconhecimento, a da mulher,

uma outra força de preconceitos e repressão tende a lançá-la para trás, retê-la e prende-la. A sociedade enxerga a mulher como uma mãe, como cuidadora, que merece ser protegida e guardada, e desta forma, não a vê como um ser sexual,

pensante, completamente envolvida em sua própria libido e com direitos de saciar seus próprios desejos (SOUZA & BALDWIN, 2000). Assim, a mulher, em muitos casos, acaba por ficar presa em relação aos desejos masculinos e doutrinada às vontades sexuais machistas da sociedade (FAGUNDES, 2005).

No Brasil, os homens se sentem socialmente e economicamente superiores as mulheres e existe uma hierarquização de gênero estagnada na sociedade (GONÇALVES & OLIVEIRA, 2018). A partir deste padrão, a repressão sexual envolve diversos aspectos do comportamento social ao ponto de se observar que a mulher está sujeita a sexualização por meio da mídia, da moda, música, dança, entre outras maneiras. Na maioria das vezes, isso ocorre dentro de um conceito niilista, sem que essa questione tais comportamentos sociais estagnados em sua gênese, que em um estereótipo do Inconsciente Coletivo (JUNG, 2000) se inserem na vida humana, sem questionamento ou reconhecimento de sua origem.

Se o relacionamento social como um todo for observado, a mulher acaba por ser uma vítima social sem questionar tal atitude, sendo sexualizada e utilizada como objeto de desejo masculino, passando a considerar essa visão de si como um elogio (ZIKAN, 2005). Ela não consegue enxergar os

próprios desejos sexuais, ou, em muitos casos, reprime suas próprias vontades por conta da sobressalência do machismo explícito ou implícito na cultura (SOUZA & BALDWIN, 2000).

Desta forma, a felicidade em relação ao relacionamento ou à própria autoestima da mulher pode estar atrelada à sua liberdade sexual, tanto na atividade quanto no discurso e no seu poder de escolha, visto que em determinados pontos do desenvolvimento da humanidade a sexualidade é apresentada para a sociedade como algo proibido ou libertário, transformando os padrões sociais e a expressão da felicidade como um contexto geral (FOUCAULT, 1984).

### **Objetivos**

Essa pesquisa apresenta-se como uma maneira de discutir a própria identidade sexual feminina, bem como, fomentar o debate sobre o assunto. Desta forma, os objetivos dessa foram: observar e desenvolver uma pesquisa mais aprofundada sobre a sexualidade feminina e o preconceito sobre o tema nas mulheres e homens, firmando uma relação sobre a sensação de felicidade das mulheres com uma maior aceitação e liberdade sexual do que sobre as mulheres mais reprimidas ou veladas nesta questão. Assim, mais

especificamente, o presente trabalho objetiva desenvolver uma percepção sobre a sexualidade na história destacando a sexualidade feminina no Brasil e a comparando com diferentes países, bem como desenvolver uma análise sobre a liberdade e a violência sexual no Brasil estabelecendo um paralelo com a sexualidade feminina na vida jovem e na terceira idade.

Com a resposta a esses objetivos o presente visa auxiliar na construção de um novo olhar sobre a construção da felicidade das mulheres através da libertação e aceitação da sua própria sexualidade, bem como evidenciando o machismo estrutural mediante a evolução histórica deste conceito, que foi capaz de reprimir e subjugar a liberdade por anos de evolução social.

### **Material e Métodos**

Esta pesquisa apresenta-se através de um retrospecto histórico e estrutural sobre o machismo e as lutas e conquistas das mulheres, assim como o discurso sobre a liberdade sexual apresentado na sociedade ao longo dos anos. Isso se deu por meio de uma revisão bibliográfica aprofundada de forma investigativa sobre a sexualidade feminina, focando também na sua relação com a felicidade e associação

com aspectos hormonais. Para elucidar a pesquisa foram utilizados trabalhos apresentados nos últimos 20 anos como forma de apuração de dados médicos e hormonais publicados no Brasil e nos Estados Unidos.

Tais passos mostram a importância da liberdade sexual e do discurso sobre o tema para a saúde e felicidade das mulheres em relação aos seus próprios desejos. Assim, o presente projeto destacou pesquisas realizadas ao longo dos anos e as unificou em um único acervo com uma construção estruturada e delineada sobre a proposta.

### **Desenvolvimento**

#### A sexualidade na História

Na antiga Grécia (97 A.C.) a sexualidade, segundo o especialista Reinholdo Ullmann (2005), era aberta a todos da família, até mesmo para as crianças. Durante o desenrolar dos anos, porém, o conceito da sexualidade foi mudando até ser mantida em uma esfera totalmente privada, em que falar em sexo era proibido e fazer sexo só era permitido com fins de procriação. Toda essa repressão fez com que a sexualidade fosse vista como algo vergonhoso, promíscuo, proibido e até imoral. Neste raciocínio, o filósofo e

professor de história Michel Foucault (1985) cita, em sua obra “A burguesia”, que nessa realidade foram criados vários dispositivos para evitar que o homem gastasse energia com outras coisas que não o trabalho. Apesar de todo esse controle ter sido repressivo, foi considerado apenas um meio encontrado pela sociedade para normatizar e controlar o indivíduo e seus atos.

Nesse momento a sexualidade é cuidadosamente encerrada, muda-se para dentro de casa. A família conjugal é confiscada pela igreja, que a absorve inteiramente, e a sexualidade passa a existir apenas na seriedade da função de reproduzir. Com isso, tudo em torno do sexo se cala. O casal legítimo e procriador dita a lei, faz reinar a norma, detém a verdade, guarda o direito de falar, reservando-se o princípio do segredo (ULLMANN, 2005).

Para conseguir que a sexualidade fosse calada socialmente, foram criados muitos mitos e histórias em torno do assunto, sendo assim, o casal que buscasse o prazer sexual sem o intuito de ter filhos era repreendido pela sociedade e em especial pela igreja, que pregava a obediência absoluta a seus mandamentos e a distância dos prazeres da carne. Tal conduta era repassada às famílias pela própria igreja e aos jovens pelas escolas (FOUCAULT, 1984).

O sociólogo britânico, Anthony Giddens (1993) diz em sua Teoria da Estruturação, que assim a igreja entra como órgão controlador da sexualidade e passa a investir no mecanismo de confissão para controlar a vida sexual dos fiéis. Não apenas quanto aos atos, mas também às fantasias e os pensamentos. Posteriormente, esse recurso passou a ser utilizado pela medicina psiquiátrica que buscava entender quais eram os segredos do sexo e, por isso, incentivava seus pacientes a confidenciar tudo sobre suas intimidades. Assim, a sexualidade foi se tornando cada vez mais um assunto velado e, ao mesmo tempo, comentado pelo fato de ser proibido (GIDDENS, 1993).

Por outro lado, Foucault (1985) acredita que ao incentivar os discursos sobre a sexualidade, mesmo em forma de confissão, a sociedade influenciou o homem a pesquisar cada vez mais sobre o assunto, colaborando significativamente para o desenvolvimento da medicina, principalmente após o surgimento das especialidades da sexologia e da psiquiatria, responsáveis por explicarem ao mundo, detalhes sobre a biologia humana. Assim sendo, para Foucault (1984), não existiu de fato uma repressão da sexualidade, e sim o aumento de discursos sobre o assunto, porém com focos e termos distintos. Deve-se falar de sexo, e falar publicamente, de

uma maneira entre o lícito e o ilícito e não se deve condená-lo, mas sim geri-lo, inseri-lo em sistemas de utilidade regular para o bem de todos. Sexo não se julga, administra-se (FOUCAULT, 1984).

Ainda assim, Giddens (1993) por sua vez, afirma que a privatização da sexualidade foi repressiva e que prejudicou bastante o homem por conta de mitos herdados, tornando para o indivíduo difícil assumir sua sexualidade e seus relacionamentos afetivos. Ele acredita que isso aconteceu em função dos desejos sexuais terem sido classificados como perversos, que fez o homem ter vergonha e receio de explorá-los. Porém, esse padrão refletiu a época na qual a cultura em questão se inseria, demonstrando a sexualidade como um assunto que se alterna perante mudanças sociais.

Foucault (1985) explica como o assunto da sexualidade evoluiu a partir do século XVIII, no qual houve maior abertura para se falar sobre esse, que não de maneira moralista, mas como pesquisa, curiosidade, entendimento profissional. Muitas áreas começaram a focar neste tipo de assunto, como a medicina, psiquiatria, e até mesmo a justiça penal, em decorrência dos crimes sexuais. Entretanto, ainda existe a sensação de que o sexo não é suficientemente discutido, que algo está sempre nos escapando, exigindo maior procura.

### Sexualidade Feminina em diferentes países e no Brasil

A sexualidade da mulher, em diversos lugares do mundo, durante muito tempo foi reprimida, castigada, velada e punida. Mesmo com os avanços da sociedade e do conhecimento humano, ainda assim essa acaba muitas vezes sem direito a voz ou à liberdade sexual. Um homem que demonstra vontades sexuais ainda na adolescência acaba se tornando sinal de orgulho dos pais e elogiado em diversos momentos (ZIKAN, 2005). Porém uma mulher que demonstra um desejo sexual grande na adolescência, é criticada, punida, castigada pela família, e em alguns casos, excluída de seu âmbito familiar e ignorada pela sociedade. Porém, claramente esse padrão difere entre localidades, assim como suas consequências (FOUCAULT, 1984).

Segundo Souza e Baldwin (2000) 14% das estudantes Brasileiras afirmavam ter sido vítimas de assédio sexual, percentual cuja magnitude é demonstrada quando comparado com os 5,6% observado para americanas, 3% para australianas e 0% para as alemãs. Porém é notado que, no Brasil, a denúncia sobre assédio é mais incentivada do que nos Estados Unidos, apesar das punições americanas em relação ao assédio sexual serem mais intensas do

que no Brasil.

Numa pesquisa realizada por Souza e Baldwin (2000), foram comparadas as punições destinadas a um Professor assediador em diferentes países, sendo observado que os Americanos, de maneira geral, puniram o agressor de forma muito mais severa do que os Brasileiros, levando o agressor americano à prisão por 20 anos junto com tratamento psicológico, enquanto no Brasil, o mesmo resulta entre seis a dez anos de reclusão.

No Brasil, segundo Lara e Silva (2008), quando uma mulher entra no consultório de um médico, raramente este profissional da saúde avalia a vida sexual de sua paciente, ou por se sentirem desconfortáveis em abordar a sexualidade ou porque desconhecem as técnicas de investigação. Por outro lado, poucas mulheres procuram ajuda profissional para relatar problemas de disfunção sexual. Esse tema ainda pode ser considerado um tabu (FREUD, 1917), não só pelo reduzido número de profissionais na área de ginecologia que fazem perguntas sobre a sexualidade das pacientes e que tem conhecimento adequado para o diagnóstico e tratamento, mas também porque seus estudos estão direcionados para a anatomia e a função reprodutiva e não para a satisfação e bem-estar da mulher (LARA & SILVA, 2008).

No Artigo “História da Sexualidade Feminina no Brasil: Entre Tabus, Mitos e Verdades” escrito por Oliveira, Rezende e Gonçalves (2018) são demonstrados os problemas que as mulheres enfrentam na questão da sua sexualidade e como os preconceitos, os padrões impostos e a falta de preocupação com a autonomia e liberdade da mulher as afeta. A pesquisa mostra como a cultura machista enraizada as atinge no quesito da sexualidade e como as mulheres ainda estão receosas mesmo depois de já terem conquistado mais liberdade sobre seu próprio corpo.

#### Liberdade e Violência Sexual no Brasil

De acordo com o Dício, Dicionário Online de Português, liberdade é

“1. Nível de independência absoluto e legal de um indivíduo, de uma cultura, povo ou nação, sendo nomeado como modelo (padrão ideal).; 2. Estado ou particularidade de quem é livre; característica da pessoa que não se submete.”

Assim, entendemos que a privação da liberdade sexual seria observada para uma pessoa que não possui independência ou capacidade de exercer sua sexualidade de acordo com sua identificação sem a imposição de outrem sobre sua perspectiva. Quando alguém é violentado, há uma privação de sua sexualidade, na qual, em alguns casos, pode ser direcionado a efeitos

que podem comprometer sua vida sexual futuramente (FREUD, 1905).

No site oficial do Governo Federal do Brasil, na área do Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, encontramos dados relacionado com abusos sexuais no ano de 2019, comparado com o ano de 2018. Nesse período, 11% das denúncias feitas pelo Disque Direitos Humanos (Disque 100), são de violência sexual contra crianças e adolescentes, sendo 46% sofridas pelo sexo feminino entre 12 e 17 anos de idade. A ONDH (Ouvidoria Nacional dos Direitos Humanos), relatou que 73% dos casos ocorrem na casa da vítima ou do suspeito, sendo 40% causados pelo pai ou padrasto (SENSO 2020 – Governo Federal do Brasil).

Essas mulheres foram privadas de exercer a sua sexualidade livremente por conta das violações ocorridas contra elas, dentro de um ambiente considerado seguro e por pessoas próximas, que deveriam protegê-las (LARA & SILVA, 2008). Assim, elas foram coibidas de exercer o sexo, ou falar sobre o sexo, pelas mesmas pessoas que as abusam, as reprimem e as violam.

O preconceito e a repressão são reais em relação a sexualidade feminina. Por conta da falta de informação na adolescência e, como mencionado por Lara e Silva (2008), também da atuação dos profissionais da saúde na vida adulta da

mulher, essa acaba por ser um alvo contínuo de objetificação dos desejos masculinos e culmina na ausência de uma figura de referência para lidar psicologicamente com estas questões.

Por outro lado, quando a mulher tenta ser um pouco mais liberta frente a repreensão da sua própria sexualidade, como quando escolhe uma vestimenta de que gosta, mas considerada como “vulgar”, a sociedade a condena. Isso porque esse não é o tipo de comportamento que a própria sociedade exige de uma mulher, que seria o de uma pessoa mais dócil, pura, ou como a figura de cuidadora e mãe (FAGUNDES, 2005).

#### Sexualidade e Felicidade

Antigamente acreditava-se que a felicidade dependia dos deuses e equivalia ao divino, sendo então, superior ao nível humano (ULLMANN, 2005). Somente a partir do século XVIII, com o Iluminismo, as pessoas começaram a acreditar que a felicidade dependia dos seres humanos e que eles decidiam o próprio destino (FOUCAULT, 1984).

Durante toda a história, bem-estar e felicidade sempre estiveram relacionadas, nunca houve uma separação do significado. Porém, hoje em dia já não é assim, os autores da Psicologia Positiva Camaliente e

Boccalandro (2017) fazem uma separação bem definida dos dois. Para eles, a felicidade é subjetiva, ou seja, é composta por sentimentos como prazer, êxtase, entusiasmo, conforto e sensações afins.

Com essa ideia, Seligman (2004) propõe que o bem-estar pode ser medido por cinco fatores, sendo a Emoção Positiva, o Engajamento, o Sentido na Vida, a Realização Positiva e os Relacionamentos Positivos. Esses fatores podem ser observados em diversos lugares como a realização de pequenos ou grandes objetivos pessoais e conquistas realizadas pelo sujeito ou pessoas próximas.

Ferrer (2010) explica que apenas 10% da felicidade é associada a objetos de valor, dinheiro, saúde, emprego, status social, entre outros, que hoje se tornaram objetos de conquista, com a qual muitos vem lucrando com a vendas de produtos que oferecem meios fáceis para a obtenção da felicidade. Nesse pensamento, a pessoa que deseja ser mais feliz, deve variar suas atividades. Para alguns, será uma mudança grande, para outros, será uma mudança pequena, mas suficiente. O que concorda com a ideia de Seligman (2004) sobre sentir prazer, pois, ao fazer aquilo que lhe agrada, automaticamente o indivíduo sente certa felicidade, alcançando então o primeiro fator, o de emoção positiva. O Japão pode ser citado como exemplo. Esse é um dos

países mais ricos entre as nações industrializadas, mas com um dos maiores índices de tristeza levando a criação da expressão “Karoshi”, que, de acordo com o dicionário de tradução do Japonês para o Português (2020), seria o termo utilizado entre eles por morrerem de tanto trabalhar. Entretanto, na Dinamarca, que é um país constantemente classificado como o país mais feliz do mundo, seu sucesso em termos de qualidade de vida vem do fato de muitas pessoas morarem em lugares que eles chamam de “Comunidades de Coabitação”. Nesses lugares, vivem várias famílias dentro de um único terreno ou edifício, onde todos partilham várias tarefas, fazendo com que os indivíduos fiquem menos sobrecarregados. O convívio com outras famílias, outras pessoas, como se fossem uma família grande formada por amigos, melhora a qualidade de vida, dando tempo para fazer o que se deseja.

Segundo Carvalho e Martins (2013), a hipótese de que quanto mais felizes são os indivíduos, mais satisfeitos esses se encontram em seus relacionamentos. Os autores ainda defendem que não só a sexualidade está relacionada a felicidade e a satisfação conjugal, mas também fatores como autonomia, privacidade, tempo livre, relações extrafamiliares, expressão de sentimentos, gestão de conflitos e comunicação.



Ter uma sexualidade liberta é ter um sentimento de contentamento, prazer e felicidade, por fazer o que lhe agrada. Isso é o contrário do que era nos séculos passados, uma vez que até “o final do século XIX as mulheres saudáveis eram as que não tinham desejos sexuais, esperava-se da mulher o não prazer” (ZIKAN, 2005, p. 8). A sociedade atual ainda está se habituando com essa nova ideia de que todos podem sentir esse tipo de felicidade, não somente os homens.

#### Sexualidade Feminina na Terceira Idade

Foi realizada uma pesquisa sobre a importância atribuída ao sexo por idosos do município de Porto Alegre e sua associação com a autopercepção de saúde e sentimento de felicidade, assim como sua importância. Essa, incluiu 938 idosos, que de acordo com o OMS e o IBGE (Instituto de Geografia e Estatística) são pessoas de 60 anos ou mais. Nessa pesquisa foi concluído que das 661 mulheres entrevistadas, 47,2% atribuíram a manifestação da sexualidade, a autopercepção da saúde e a sensação de felicidade como sendo pouco importante nessa idade, comparado aos 53,1% dos homens que consideraram importante, com outros 11,6% classificando-as como muito importante. Assim, é possível perceber a influência da criação e ensinamentos da

época em que eram jovens na sua percepção da importância de sua sexualidade.

Existem também, diversos tipos de hormônios da felicidade, com um hormônio em específico estando ligado a relação sexual. O hormônio da ocitocina, também conhecido como o “hormônio do amor”, que age diminuindo a ansiedade, trazendo sentimentos de prazer, calma e segurança. Há uma alta liberação de ocitocina durante uma relação sexual, tanto em mulheres quanto em homens (ESSENTIA, 2020). Então, como estabelecido por Zikan (2005), quando se é mais livre sexualmente, ou seja, mais contente com seu próprio prazer de maneira que lhe agrade sem ferir a liberdade do outro, há, também, maior frequência e qualidade na prática sexual e, por consequência, níveis mais altos de ocitocina no organismo, sendo alcançado então, maior sensação de felicidade derivada do prazer hormonal.

#### **Conclusões**

A libertação sexual está ligada ao fazer aquilo que agrada, resultando assim em uma quantidade de felicidade. É necessária liberdade sexual para isso, portanto sendo essa relevante para o ser feliz. Essa liberdade pode ser demonstrada de diferentes maneiras, sendo pelo ato sexual

em si, ou pelas expressões e gêneros sexuais, pois a sexualidade faz parte da vida, é algo do ser humano e intrínseco a ele. Parte da natureza selvagem que, através dos anos, foi tendo seu controle crescente, muito por conta da repressão da Igreja. Desta forma, é possível notar que nos tempos atuais as mulheres conseguiram se libertar parcialmente dessas amarras, permitindo uma sexualidade mais liberta e sua melhor expressão, assim como maior quantidade de momentos com a sensação hormonal do prazer. Para uma mulher ter sua sexualidade totalmente livre, é necessária que a sociedade, no geral, se desprenda do machismo enraizado em sua cultura e permita seu discurso sobre a sexualidade sem a repressão social histórica como ocorrido.

Entretanto, há um limite entre ser sexualmente livre para obter a felicidade, e violar a liberdade sexual do outro impondo a sua. Como observado nos dados apresentados, muitos adolescentes têm sua liberdade sexual privada por pessoas que estão dentro do seu lar e acreditam que têm liberdade total para impô-la sobre tal pessoa. Essa ideia também é demonstrada sobre a mulher que não tem voz, não tem vontade e existe apenas para a procriação e satisfação dos prazeres dos homens. O processo para a libertação desse tipo de preconceito é algo delicado e demorado,

passo para o qual muitas sociedades ainda não estão prontas.

Com pontos de vistas diferentes entre as mulheres que querem se libertar e os homens que não entendem a repressão que essas sofrem, acreditando que nada precisa mudar, esse debate e as controvérsias de atitudes terão continuidade, especialmente em uma sociedade historicamente machista como o Brasil. É possível que a sociedade diminua o preconceito, através de, cada vez mais estudos sobre o assunto. Com o passar dos anos e com o acúmulo de pesquisas visando maior entendimento e conhecimento, a proibição do prazer e o preconceito foi diminuído em relação a sexualidade, pois sua importância à saúde e ao bem-estar passou a ser mais bem compreendida.

Estudos antropológicos e históricos como este, podem ser uma porta de abertura para muitas mulheres começarem a entender mais sobre si mesmas e seus desejos, e até mesmo para buscarem mais conhecimento sobre o assunto. O mesmo é verdade para os homens que são ignorantes no assunto, pois a sociedade, como observado, sempre esteve focada no masculino. A erradicação do preconceito pode estar mais próxima do que imaginamos, mas para isso, é necessário um investimento na educação, estudos e pesquisas, pois nem todos têm a

possibilidade e acesso ao diálogo aberto sobre o assunto, impedindo que haja um maior debate dentro da sociedade.

A partir da compreensão sobre o tema, algumas mulheres podem ter uma mudança maior em relação a própria sexualidade, pois pode ser o que lhes faltavam para obter maior felicidade. Desta forma, observa-se que o sentido não é oferecer uma anarquia neste processo de libertação sexual, mas sim o empoderamento da própria escolha e do próprio desejo. Dessa maneira, é demonstrado ao machismo estrutural e histórico que a mulher possui desejos e que a realização dos seus desejos apresenta uma boa relação com a felicidade.

Assim, uma sociedade que respeita os desejos femininos e na qual a mulher poderá ser criada desde criança como o homem é criado, com total liberdade de escolha e liberdade para demonstrar seus desejos, provavelmente poderá evoluir de maneira a enfrentar o machismo e a promover maior felicidade para ambos.

#### Referências Bibliográficas

- ANDRÉ, S. **O que quer uma mulher?** Rio de Janeiro: Zahar Editora, p. 156 – 209, 1998.
- BASTOS, C. C.; CLOSS, V. E.; PEREIRA, A M. V. B.; BATISTA, C.; IDALÊNCIO, F. A.; CARLI, G. A.; GOMES, I.; SCHNEIDER R. H. Importância atribuída ao sexo por idosos do município de Porto Alegre e associação com a autopercepção de saúde e o sentimento de felicidade **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**, vol. 15, n. 1, pp. 87- 95. 2012
- CAMALIONTE, L. G.; BOCCALANDRO, M. P. R. Felicidade e bem-estar na visão da psicologia positiva. **Bol. Acad. Paulista de Psicologia**, v. 37, n. 93, p. 206-227, 2017.
- Dados de violência sexual contra crianças e adolescentes.** Disponível em: <https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/noticias/2020-2/maio/ministerio-divulga-dados-de-violencia-sexual-contra-criancas-e-adolescentes>. Acesso em: 04 de março de 2021
- DE SOUZA, E.; BALDWIN, J. R.; ROSA, F. H. A construção social dos papéis sexuais femininos. **Psicologia Reflexão Crítica**, v 13, n. 3, pp. 485-496, 2000. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0102-79722000000300016>>. Epub 12 Jun 20 01. ISSN1678-7153. <https://doi.org/10.1590/S0102-79722000000300016>.
- FAGUNDES, T. C. P. C. Sexualidade e Gênero: uma abordagem conceitual. **Ensaio sobre educação, sexualidade e gênero**. Salvador: Helvécia, v. 01, n. 01, p. 09-20, 2005.
- FERRER, C. Consumo de espetáculos e felicidade obrigatória: técnica e bem-estar na vida moderna, In: Freire, J. F. (eds) **Ser Feliz hoje: reflexões sobre o imperativo da felicidade**, Rio de Janeiro, Editora FGV, 2010, p. 165 – 179.
- FOUCAULT, M. **História da sexualidade: a vontade de saber**. São Paulo: Graal, p. 21 – 109, 1984.
- FREUD, S. A interpretação dos sonhos [1900]. In: FREUD, S. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas**. Trad. de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1972.

- FREUD, S. Cinco lições de psicanálise [1910]. In: \_\_\_\_\_. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas**. Trad. de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1972.
- FREUD, S. **O Tabu da Virgindade**. Imago editora. 1917.
- FREUD, S. **Três ensaios de sexualidade**. São Paulo: 1905.
- GIDDENS, A. **A transformação da Intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas**. São Paulo: UNESP. p. 93 – 178, 1993.
- GONÇALVES, J. P.; OLIVEIRA, E. L.; REZENDE, J. M. **História da Sexualidade Feminina no Brasil: Entre Tabus, Mitos e Verdades**. Revista Àrtemis. Vol. 26. p. 303-314, 2018.
- HAPPY Documentário**, Direção: Roko Belic. Estados Unidos da América: Netflix, 2011 [online]. (75 min) Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=L\\_VNf5oXmxA&ab\\_channel=Henrique Medeiros](https://www.youtube.com/watch?v=L_VNf5oXmxA&ab_channel=Henrique+Medeiros). Acesso em: 5 de março de 2021.
- Hormônios da felicidade: quais são e como podem ser estimulados**, 2020 [online]. Disponível em: <https://essentia.com.br/conteudos/hormonios-da-felicidade/>. Acesso em: 31 de março de 2021
- JUNG, C. G. **Ab-reação, Análise dos Sonhos, Transferência**. Petrópolis: Vozes. vol. XVI/2. p. 68 – 75, 1990.
- JUNG, C. G. **Os Arquétipos e o Inconsciente Coletivo**. Petrópolis: Vozes, vol. IX/1. p. 83 – 121, 2000.
- LACAN, J. **O Seminário**, Livro 4:A relação de objeto. [1956-57]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, Vol. 4. p. 53 – 68, 1995.
- LACAN, J. A significação do falo [1958]. In: LACAN, J. **A Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, Vol. 8. p. 23 – 59, 1998.
- LARA, L. A. S.; SILVA, A. C. J. S. R.; ROMAO, A. P. M. S.; JUNQUEIRA, F. R. R. Abordagem das disfunções sexuais femininas. **Rev. Bras. Ginecol. Obstet.**, v. 30, n. 06, p. 312 - 321, 2008.
- MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração, análise e interpretação de dados**. 5ª ed. São Paulo: Atlas, p. 62 – 128, 2002.
- SELIGMAN, M. E. P. **Felicidade Autêntica: Usando a nova Psicologia Positiva para a realização permanente** (Authentic Happiness: Using the new Positive Psychology for permanent accomplishment) [2002] (N. Capelo, Trad.). Rio de Janeiro: Objetiva, 2004
- SILVA, D. Q.; FOLBERG, M. N. **De Freud a Lacan: as idéias sobre a feminilidade e a sexualidade feminina**. Estud. psicanal. [online]. 2008
- ULLMANN, R. A. **Amor e sexo na Grécia antiga**. Porto Alegre – EDPUCRS p. 143, 2005.
- ZIKAN, I. S. **O Prazer Sexual Feminino na História Ocidental da Sexualidade Humana**. Universidade Cândido Mendes. p. 95, 2005.